

Embora fosse possível falar de Duas Meninas, estas duas meninas não são comparáveis, ou, pelo menos, não poderiam ser tomadas como *Capitus*. A personagem de Machado de Assis é apresentada como uma calculista determinada ou quem sabe apenas mais inteligente que o marido, enquanto Helena Morley, como o

crítico termina observando, pode ser inserida na literatura brasileira entre os autores que apresentaram os fundamentos históricos e sociais em que a escravidão e a população pobre foi examinada.

MIRIAM LIFCHITZ MOREIRA LEITE ■

## A exclusão começa cedo

### **Gênero, Sexualidade e Educação. Uma perspectiva pós-estruturalista.**

LOURO, Guacira Lopes.

Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

A categoria gênero não é ainda de uso corrente nos trabalhos da área de educação e a prática educativa raramente leva em conta que está posta para ela, no momento em que está se dando, a construção de gêneros... mas isso é coisa que todo mundo sabe. Na área de educação trata-se as crianças de crianças, as alunas de alunos, os estudantes de estudantes, as professoras de professores e estamos conversados. Não é nem de muito bom tom dizer meninos e meninas, alunos e alunas, professores e professoras. Mesmo quando a maioria dos "profissionais da educação" é mulher... ainda assim são professores. Na rede municipal de Belo Horizonte, há doze homens lecionando nas séries iniciais e são - por isso, é claro - todos professores. Mesmo quando o recorte de um texto aponta claramente para mulheres em exercício de uma profissão, dizem "os professores das séries iniciais". Mesmo a uma platéia feminina diz-se "vocês, professores". A algumas já dói nos ouvidos e no coração: "alguma coisa não vai bem, eu não sou de quem falam". A outras isso passa despercebido, ou porque é natural que se fale assim, ou porque é correto. Falar em os/as é também chato, muito chato. É claro que é correto! As normas da língua mandam que se use o gênero masculino sempre que houver um desse tipo incluído; o Homem é toda a raça humana etc. etc... Feministas, lúcidos e lúcidas de qualquer credo, já escreveram e falaram ad

*nauseam* sobre isso. Mas na área de educação seu eco tarda a ser ouvido. Não creio que em outras áreas das ciências sociais seja muito diferente, mas na educação a dificuldade em mudar preocupa e amola quem está vivendo a teoria e a prática, na medida em que é lá, nas séries muito iniciais, que começa a exclusão e a luta pela inclusão. É bem disso que o livro em questão trata.

Na Apresentação do livro - que, digo desde já, é muito importante e presta enorme serviço à área de educação -, Guacira Louro revê sua trajetória de professora e mulher participante do combate pela mudança. "Acho que não me via como feminista no final dos anos 60. (...) moça bem comportada, normalista e depois estudiosa de História. Ser professora era mais do que uma possibilidade, parecia um destino." Essa declaração vai ancorar-se historicamente com o que vai ser contado no primeiro ensaio do livro, *A Emergência do Gênero*.

Dividido em números - de 1 a 7 - titulados e sub-titulados, o livro é composto de ensaios que têm o formato e a medida certa para os fins a que pode se destinar. Uma coisa é o destino que um autor ou uma autora dariam a seu livro, quando sonham com isso no momento em que o estão escrevendo. E escrevem o texto, de uma forma ou de outra, exatamente porque "pensam" nesse leitor/a que é o que querem que leia o livro. Outra coisa é o leitor/a que o texto consegue produzir. É certo que um livro produz seu leitor/a e quando se trata de temas nos quais estão necessariamente implicados - mas não necessariamente conscientes disso - a leitura, o leitor/a e o livro fazem-se conjuntamente.

Pelo que Guacira Louro nos revela na Apresentação e por sua conhecida trajetória na área, este livro estava no forno já há algum tempo. Por exemplo, o *GEERGE - Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero -*

"que inventamos" (diz ela) há alguns anos não produziu apenas debates acalorados e aprofundamentos teóricos importantes. Ela não nos diz, mas sabemos que dissertações e teses foram - e estão sendo - produzidas e que cursos vêm sendo oferecidos, demandados e ministrados por membros do grupo. Ora, são essas coisas que fazem gerar um livro, sua oportunidade e seus possíveis leitores. Assim, o livro, pela leitura que fiz, pretende ser - e dá conta - um livro de 'introdução' que, sem abrir mão da densidade teórica, pode também ser lido por um público mais amplo.

Digamos...pode e não pode. É claro que as questões de gênero e, sobretudo, sua construção no campo da educação foram vivenciados por todos e todas aquelas que passaram por um processo de educação, seja ele mais amplo ou restritamente escolar. Afinal, a verdade é que ninguém escapa da educação! Mas, para bem e para mal, há questões teóricas no livro que, mesmo não estando artificialmente ou dificilmente elaboradas, requerem uma certa familiaridade com conceitos e com o vocabulário utilizado. Por exemplo: a mim agradou particularmente o último ensaio, *Uma Epistemologia Feminista*. Por várias razões: é denso, sem ser aborrecido; remete-nos a problemas e a posições a serem assumidas pela metodologia de pesquisa, indispensáveis hoje em cursos superiores, quando se trata de formar pesquisadores e pesquisadoras implicados pela subjetividade; trata e assume claramente uma posição a favor do feminismo. Esta é uma questão polêmica que vem sendo, digamos, ligeiramente negligenciada, quando se trata de abordar questões da História da Mulher. Em um livro importante, bonito e tão completo como o é o organizado por Mary del Priori, *História das Mulheres no Brasil*, faz falta um capítulo que aborde exatamente o feminismo, suas lutas e particularidades no Brasil. A autora, ao tratar de feminismo, em um momento em que movimentos sociais não dão mais visibilidade à questão e nas rodas sociais e acadêmicas é tratado como um tema risível, dá uma demonstração de seriedade e comprometimento com a perspectiva teórica que anuncia.

A estratégia textual a que Guacira recorre no início desse ensaio acolhe sua leitora e seu leitor e permite que estabeleçam com o texto um diálogo em que a dificuldade de dizer as palavras **epistemologia** (até pouco tempo tão restrita ao uso dos filósofos) e **feminista** (tão restrita ao uso de uma certa militância) faz eco com a dificuldade da autora que torna a possi-

bilidade de superá-la ao alcance de todos e todas. O que a autora sugere - com o que concordo plenamente - é que é preciso haver uma certa disposição para a instabilidade e para aceitar a perturbação como constituintes e construtoras do processo de produção do conhecimento. Tal como afirma Teresa de Lauretis, "...a construção do gênero também se faz por meio de sua desconstrução".

É ainda nesse ensaio que sugere (com ênfase) a necessidade de se considerar a pluralidade e a contingência dos sujeitos envolvidos, tocando na questão do poder e retomando a questão das identidades. Quem trabalha ou já trabalhou com questões de gênero na área de educação sabe que há dois conceitos - que vêm do campo da sociologia, da antropologia e da psicologia social - que são extremamente difíceis de serem articulados: identidade e representação. Vale dizer que o/as pesquisador/as na área de educação têm a muito árdua tarefa de ter que trabalhar articulando conceitos e métodos de outras áreas com os problemas postos pela educação. Nem se pode estender a teoria e a conceitualização, pois corre-se o risco de perder o problema, nem se pode aligeirá-los, pois corre-se o risco de errar e faltar explicação. Tudo isso para dizer que uma outra contribuição que o livro de Guacira traz para a nossa área é a de não só expor os referidos conceitos com muita clareza, mas ao fazê-lo trazer o que há de mais novo na bibliografia que articula gênero e identidade e representação.

Embora seja uma preocupação da autora ao longo do livro estar remetendo o que expõe às questões de educação, há três ensaios que são particularmente atinentes à educação: *A Construção Escolar das Diferenças*, *O Gênero da Docência e Práticas Educativas Feministas*. Nesses três ensaios o/os estudioso/as da área de educação vão encontrar um material rico para a continuidade de seus estudos. Os textos trazem dados históricos, por exemplo, sobre a feminização do magistério e a representação de professoras e professores, mostrando como fazer essas análises e indicando uma bibliografia nova raramente citada. É muito interessante também, e está perfeitamente adequada à perspectiva teórica em que a autora se coloca, a coragem que tem ao enfrentar a questão do poder, do feminismo e do exercício do poder. Todo mundo sabe que, apesar de tudo, o magistério é uma instância de poder, mas a vitimização que às vezes assola a categoria faz com que a professora - sobretudo ela - seja vista e se veja como uma pobre coitada indefesa e sujeita aos

desmandos e às diatribes do estado e da sociedade. O poder e os jogos de poder existem em qualquer instância e muito bem lembra a autora que "A construção de uma prática educativa não-sexista necessariamente terá de se fazer a partir de dentro desses jogos de poder".

A última parte do livro - que não é um ensaio - chama-se Para Saber Mais: revistas, filmes, sites, livros... e me faz lembrar, mais uma vez, de seus possíveis leitores e leitoras. Algumas vezes conseguimos ter uma colega de trabalho ou uma aluna que nos traz informações de um filme que se prestaria a uma boa discussão sobre, por exemplo, o sexismo na escola; mas nem sempre. Assim, a indicação aberta que faz de filmes que se prestam a uma discussão (tenho certeza que a autora adoraria receber novas indicações) é de enorme valia, tal como a indicação de revistas. Sabemos que a distribuição de revistas nem sempre corresponde à expectativa que seus editores ou editoras têm de colocar à disposição de um público maior artigos para o debate e troca de idéias; a distribuição tem dificultado a circulação e faz com que boas revistas fiquem muitas vezes restritas a um circuito regional, quando não institucional. Saber que determinados títulos existem já ajuda na hora de ir à biblioteca, fazer pedido aos livrinhos ou buscar uma assinatura. Também os sites na Internet

dão uma contribuição muito interessante. Quando dizemos "navegar na Internet" estamos presumindo que o acesso aos endereços que nos interessam seja óbvio. Isto é, acessando a Internet automaticamente chegamos aonde queremos. Mas há segredos aí e é a democratização da informação que possibilitará a reunião virtual de pessoas interessadas no mesmo tema. Assim, sites comuns como os do Yahoo ou outros menos, como os de bibliografias temáticas e ainda de autor/as, permitem um compartilhamento de idéias e ampliação do universo de discussão.

Por último, gostaria de chamar atenção para o fato de que as normas de citação bibliográfica - que a autora felizmente transgide ao longo do livro, mas mantém corretas nas Referências Bibliográficas - impedem o reconhecimento dos autores pelo sexo. Sobre feminismo e congêneres não são tão raras as mulheres que escrevem (aliás, há muito mais mulheres que homens), mas em outras áreas não são tantas e temos de vê-las escondidas atrás de iniciais de seus nomes que não deixam entrever sua mínima identidade. Aquela que nos dá o registro civil. Quem será HARRIS, R.? ou MILLET, K.? é claro que está correta a citação. Mas será certo citar assim?

ELIANE MARTA TEIXEIRA LOPES ■

## Questões fundamentais de vida e saúde

### Tecnologias Reprodutivas: gênero e ciência.

SCAVONE, Lucilla (org.).

São Paulo: Editora da Unesp, 1996 (Seminários & Debates).

O livro *Tecnologias Reprodutivas*, uma coletânea de artigos, é um dos resultados de um seminário internacional e interdisciplinar (Gênero, Ciência e Tecnologias Reprodutivas), realizado em março de 1995, na UNESP, no Campus de Araraquara/SP. O tema que se tornou o eixo do evento foi o uso crescente das tecnologias reprodutivas - em seus aspectos contraceptivos e conceptivos - nas sociedades contemporâneas,

discutido em suas implicações sociológicas, políticas, éticas e na saúde.

O foco do livro é a denúncia do abuso das intervenções médicas centradas no uso de tecnologias, sem consideração pelo sujeito que as utiliza. Assim, o livro destaca a questão ética, que se torna premente nesta discussão, em face da maciça intervenção tecnológica no campo das práticas conceptivas e anticonceptivas, especificamente no corpo da mulher, onde estas tecnologias intervêm diretamente, afetando e, muitas vezes, ferindo sua autonomia.

O argumento do livro situa-se na fronteira entre a discussão militante feminista dos direitos reprodutivos e da sexualidade e a perspectiva de uma produção científica que se contrapõe ao racionalismo moderno que moldou a sociedade ocidental, "desconstruindo" seus pressupostos de verdade.